

OS MOAIS DA ILHA DE PÁSCOA

Tanto quanto a imensidão incomensurável do mar, em que o horizonte de água confunde-se com o horizonte celeste em uma só linha, as modernas e grandiosas obras de engenharia impressionam-me e me fazem pensar até que ponto poderemos ainda chegar. Quando pela primeira vez passei pela espetacular Ponte Rio-Niteroi, encantei-me com sua extensão e beleza arquitetônica. E agora, depois de haver subido e descido inúmeras vezes a Serra dos Tamoios, em viagens da capital do Estado para o litoral, não imaginava que tantos túneis pudessem ser abertos e pontilhões construídos sem provocar maiores danos à exuberante Mata Atlântica. Foi o mesmo questionamento que frequentemente eu fazia quanto às famosas pirâmides egípcias. Como, perguntava a mim mesmo, os pesados blocos de pedra puderam ser levados ao pico das pirâmides? Quantas vidas foram consumidas e quanto tempo foi gasto para tão somente servirem de túmulos aos soberbos faraós? Há alguns dias, um artigo de jornal despertou minha curiosidade a respeito dos moais, ou seja, as famosas estátuas da Ilha de Páscoa, tão distante e isolada que se encontra dos modernos centros civilizados, em pleno Oceano Pacífico.

Cerca de novecentos e cinquenta moais já foram descobertos na Ilha de Rapa Nui, que é o outro nome da Ilha de Páscoa, mas somente algumas, de grande porte, estão ao longo da costa. Construídos de pedra monolítica entre os séculos XIII e XVIII, e pesando quase cem toneladas as maiores, representam ancestrais elevados pela crença do povo à categoria de deuses. Já se sabe que as estátuas foram possivelmente talhadas em pedreira do interior do extinto vulcão Rano Raraku, onde ainda se encontram algumas delas. O que não se sabe é se foram abandonadas ou levadas de propósito ao longo da costa, em

local bem visível. E ainda, como foram transportadas por vários quilômetros, sendo bastante pesadas e ainda mais em terreno acidentado.

Agora, conforme publicado pela revista The Journal of Archeological Science, cientistas formularam hipótese que entendem plausível para o deslocamento daquelas grandes e pesadas estátuas. Teriam sido elas, depois de presas pela cabeça, balançadas de um lado e de outro, avançando gradativamente pelo caminho traçado. Indício desse procedimento é que suas bases são mais largas, como para dar-lhes maior sustentação, além de encontrarem-se um pouco inclinadas para frente. Será mesmo que foi desvendado o mistério das famosas estátuas da Ilha de Páscoa? Não seria mais plausível que tenham sido excepcionalmente talhadas ali mesmo, ao longo da costa?

Confesso que para mim o mistério continua. Acho pouco provável a hipótese formulada pelos cientistas. Mas isso não me impede de considerar extraordinária a obra de engenharia que as construiu e as pôs ou deslocou para o local em que estão, ainda mais considerando-se que na época em que foram esculpidas não havia sequer guindastes que pudessem erguer as enormes e pesadas estátuas.

Erasmo também partilha da mesma opinião. Quando conversamos sobre as grandes e modernas obras de engenharia, ele fez referência ao túnel subaquático que liga a França à Inglaterra e que permite a travessia do Canal da Mancha em pouco tempo, muito diferente de quando, há várias décadas, fiz o percurso de Calais a Dover em pequeno barco de passageiros.

No decorrer da conversa com Erasmo, lembrei-me de que também aqui no Brasil em breve será inaugurada ligação subaquática entre o continente e a cidade turística do Guarujá.

Em matéria de projetos grandiosos e espetaculares não ficamos atrás de nenhuma nação.

“Contudo”, complementou Erasmo, “mais importante que as obras materiais são as do espírito, que é imortal e sobretudo não podem ser corroídas pela ferrugem, nem comidas pelas traças”.

Como percebem as pessoas que me leem, Erasmo não perde oportunidade para manifestar sua espiritualidade. Será que adianta mesmo essa insistência? Ou a maioria da população faz ouvidos moucos para ela?

Viganó
darly.vigano@gmail.com